

## A MINERAÇÃO EM ÉPOCA ROMANA NO CONCELHO DE VILA VERDE (BRAGA, PORTUGAL).

ROMAN MINING IN THE MUNICIPALITY OF VILA VERDE (BRAGA, PORTUGAL).

Recibido: 03/06/2011  
Aceptado: 13/06/2011

Carla Maria BRAZ MARTINS<sup>1</sup>

CITCEM-Universidade do Minho  
carlamariabrazmartins@gmail.com

Vítor Manuel FONTES SILVA

Universidade do Minho  
vitorsilva.arq@gmail.com

Ana Catarina GOMES BRAGA

Universidade do Minho  
anacatarina.gomesbraga@gmail.com

### RESUMO

Este trabalho pretende mostrar a importância da exploração mineira no concelho de Vila Verde, distrito de Braga, Portugal, procurando identificar as transformações operadas na paisagem deste concelho, inserido no Convento Bracarense, num período cronológico ainda mal estudado (séc. I a.C. - séc. I d.C.), ou seja, a passagem dos grandes povoados da Idade do Ferro à Romanização.

O reconhecimento e localização das grandes áreas mineiras auríferas e estaníferas em co-articulação com os povoados permitem averiguar se as primeiras foram ou não causa directa das mudanças sofridas na paisagem, e qual a projecção da via XIX do Itinerário de Antonino.

### ABSTRACT

This study aims to show the importance of mining in the Municipality of Vila Verde, Braga District, Portugal, trying to identify the transformations in the landscape of this county within the *Bracara Augusta Conventus*, in a chronological period still poorly characterized (I<sup>st</sup> century BC-I<sup>st</sup> century AD), in other words, the passage of the large fortified settlements of the Iron Age to the Romanization.

The recognition and location of the major gold and tin areas in connection with the settlements allow verifying if the former were the direct cause of the changes that took place in the landscape, taking into consideration the main road that crosses this county (via XIX).

**Palavras-chave:** Exploração mineira, ouro, estanho, povoamento.  
**Keywords:** Mining exploitation, gold, tin, settlement.

### 1.- Introdução.

O Concelho de Vila Verde insere-se na região Norte de Portugal, distrito de Braga, antiga província do Minho. Encontra-se delimitado pelos concelhos de Ponte da Barca a Norte, Terras de Bouro a Este, Amares a Sudeste, Braga a Sul e Barcelos a Oeste do distrito de Braga, e Ponte de Lima a Noroeste de Viana do Castelo (Fig.: 1).

Apresenta uma área de 228.67 km<sup>2</sup>, sendo a sua geologia típica desta região, composta por um mosaico de relevos montanhosos, planaltos descontínuos, por entre um conjunto de vales desenhados na paisagem pela drenagem fluvial alinhada predominantemente na direcção de ENE-WSW e N-S (Pereira, E., 1992: 7). Em relação à vegetação predominam as árvores de folha caduca como se-

jam os carvalhos e castanheiros (Martins, M., 1990: 51), assim como os pinheiros silvestres, videiros, teixos, e perto das linhas de água os amieiros, salgueiros e freixos (Lemos, F., 2009: 140).

Com uma boa rede hidrográfica, tendo em conta o rio Neiva, Homem e Cávado, assim como os seus afluentes, e recursos económicos exploráveis, nomeadamente a agro-pastorícia e a mineração, propiciou desde os tempos pré-históricos o povoamento, quer em altura quer nos vales férteis.

Na Idade do Ferro a rede de povoamento pau-tou-se essencialmente por povoados em altura, com uma ou mais linhas de muralhas. A disputa de locais estratégicos e a necessidade de defesa numa época de constantes mutações políticas e económicas, assim como a emergência de lugares centrais, dividiu este actual concelho segundo os acidentes

### Concelho de Vila Verde no contexto do Noroeste Peninsular

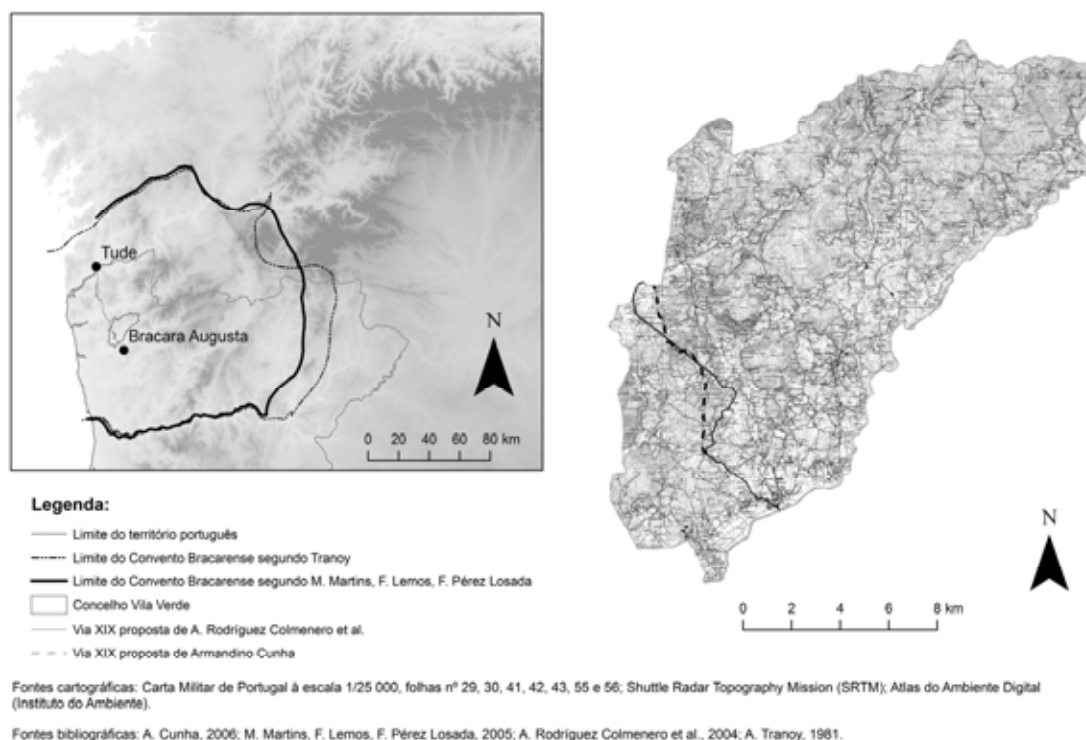


Fig.: 1. Localização do concelho de Vila Verde no contexto do Noroeste Peninsular.

geográficos.

Assim, poder-se-á considerar três núcleos principais, um em torno da nascente e vale do rio Neiva, cujos povoados se poderão inserir dentro de uma mesma identidade étnica, designadamente os *Naebisoci*, sendo a Citânia de Carmona, já localizada no concelho de Viana do Castelo (distrito de Viana do Castelo), a sua capital (Maciel, T., 1997: 2); um segundo, na parte Este do concelho, em que a Citânia de S. Julião adquire uma dimensão exponencial principalmente nos fins da IIª Idade do Ferro, tendo em conta o aparecimento de uma estátua de guerreiro (Museu D. Diogo de Sousa, Braga); e finalmente o terceiro mais a Sul, em torno da posterior via XIX, e em que o Castro de Barbudo parece ter tido uma funcionalidade assaz importante.

Ambas as Citânias, Carmona e S. Julião, poderão ter tido funções de receptores e posteriormente redistribuidores de riqueza e /ou produtos.

No período romano sem dúvida que o povoamento é condicionado pela riqueza aurífera de toda esta área. A par da romanização dos povoados em altura, que poderão também funcionar como pontos de controlo sobre as áreas mineiras, aparecem também os povoados em vale e os povoados mineiros directamente ligados à exploração mineira e à via XIX do Itinerário de Antonino, cujo traçado poderá também ele ter sido condicionado por aquela actividade económica.

## 2.- Caracterização geológica e mineralógica.

Genericamente a geologia regional afigura-se segundo a orientação varisca NW-SE a NNW-SSE, sendo os volumes montanhosos anteriores ao Pliocénico (Superior?), predominando os granitos porfíroides de duas micas e biotíticos, manifestando-se também áreas de depósitos arenosos como os existentes em Prado (Pereira, E., 1992: 7-8). Estão também presentes depósitos aluviais modernos na região de Duas Igrejas e ao longo do leito do rio Homem, depósitos Plistocénicos com 5 a 10 m de altura em Goães, entre a capela da Nª Sª da Nazaré e o rio Neiva, e com 50 a 70 m entre Vila Verde e Lanhãs (Medeiros, A. C., *et al.*, 1975: 15).

Algumas das formações de época Silúrica foram perturbadas por metamorfismos de contacto justificando o aparecimento de corneanas, xistos luzentes, andaluzíticos e granitíferos (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 5).

As mineralizações auríferas ocorrem em filões quartzosos e/ou aplitopegmatíticos, encaixados nas rochas metassedimentares no exocontacto de formações graníticas; a associação mineralógica mais frequente é As-Fe-Bi-Pb-Ag-Au-(W-Cu), ou seja arsenopirite - pirite - bismutinite - ouro nativo - electrum - bismuto nativo - (tungstite - calcopirite - sulfossais de bismuto e prata) (Pereira, E., 1992: 62).



Fig.: 2. Carta geológica do concelho de Vila Verde com a localização das três principais áreas de mineralização.

Em termos de ocorrências mineiras interessa caracterizar três áreas particulares tendo em conta a sua exploração em época romana (Fig.: 2).

- **Godinhaços.**

Geologicamente dominam os granitos, nomeadamente o de Braga, porfiróide de grão médio a fino, calco-alcálico, o de Vila Verde não porfiróide de grão médio a grosseiro, calco-alcálico, e o de Parada de Gatim, também ele não porfiróide mas de grão fino e alcalino, podendo-se encontrar em toda a área diversos filões quartzosos com uma mineralização de arsenopirite e/ou pirite, com orientação principal de N60°-70°E (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 51).

Os trabalhos romanos incidiram sobre a área dos granitos de Vila Verde, desmontando filões vários, o que se traduziu em várias trincheiras com uma direcção de NE-SW, e numa galeria orientada N40°W com cerca de 12 m de comprimento (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 51).

Uma amostra retirada de um filão de quartzo N60°E revelou uma constituição mineralógica de arsenopirite, pirite, calcopirite, blenda e galena, acusando um teor excepcional de 60 g/t de Au, sendo o valor mais aceitável de 52.3 g/t (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 21 e 51).

- **Marrancos / Portela das Cabras.**

Sem dúvida que esta é a área mais conhecida de Vila Verde, inserida numa faixa de metassedimentos orientados NW-SE da idade Silúrica, e delimitada pelos granitos de Parada de Gatim a Oeste e de Braga a Este; por vezes manifestam-se granitos aplitopegmatíticos (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 21).

A mineração romana incidiu sobre um filão quartzo-argiloso orientado N40°E, com inclinação 70°-75° para NW, e mineralizado com pirite e arsenopirite aurífera (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 22).

Os teores máximos de ouro que aqui poderão ser detectados são de 34.8 g/t (Viegas, L.F.S., *et al.*, 1991: 21).

- **Cervães.**

Esta área corresponde predominantemente à envolveria da Serra da Gatanha, com preponderância de granitos de grão médio, de duas micas, muito alterados na zona de encosto com o filão; este último é quartzoso e mineralizado com pirites arsenicais, podendo-se detectar os seguintes elementos químicos: Au, Sn, Cu, Ti, Sr. Os teores de ouro são muito variáveis podendo ir de 0.5 g/t a 120 g/t, sendo que este último valor singular poderá corresponder a uma pepita sobre a qual terá incidido a análise (Inglez, A.L.d'A., 1938).

Também na região de Prado, que compreendeu trabalhos romanos, as percentagens de ouro são elevadas, com valores da ordem de 89 g/t e 184 g/t, em amostras de cassiterite onde foi feita uma trituração e separação gravítica (análises realizadas no Laboratório de Fomento Mineiro, Porto, a 28/06/1946, Boletins 605 e 606 respectivamente).

### 3.- A mineração romana e seu enquadramento com o povoamento e rede viária.

Numa Carta ao Sr. Presidente do Conselho de Ministros, datada de 30 de Junho de 1938, António Quirino Torres Souza Lima refere «Os romanos não puderam levar o ouro todo, deixando ainda muita coisa por explorar» (arquivo do LNEG, S. Mamede de Infesta).

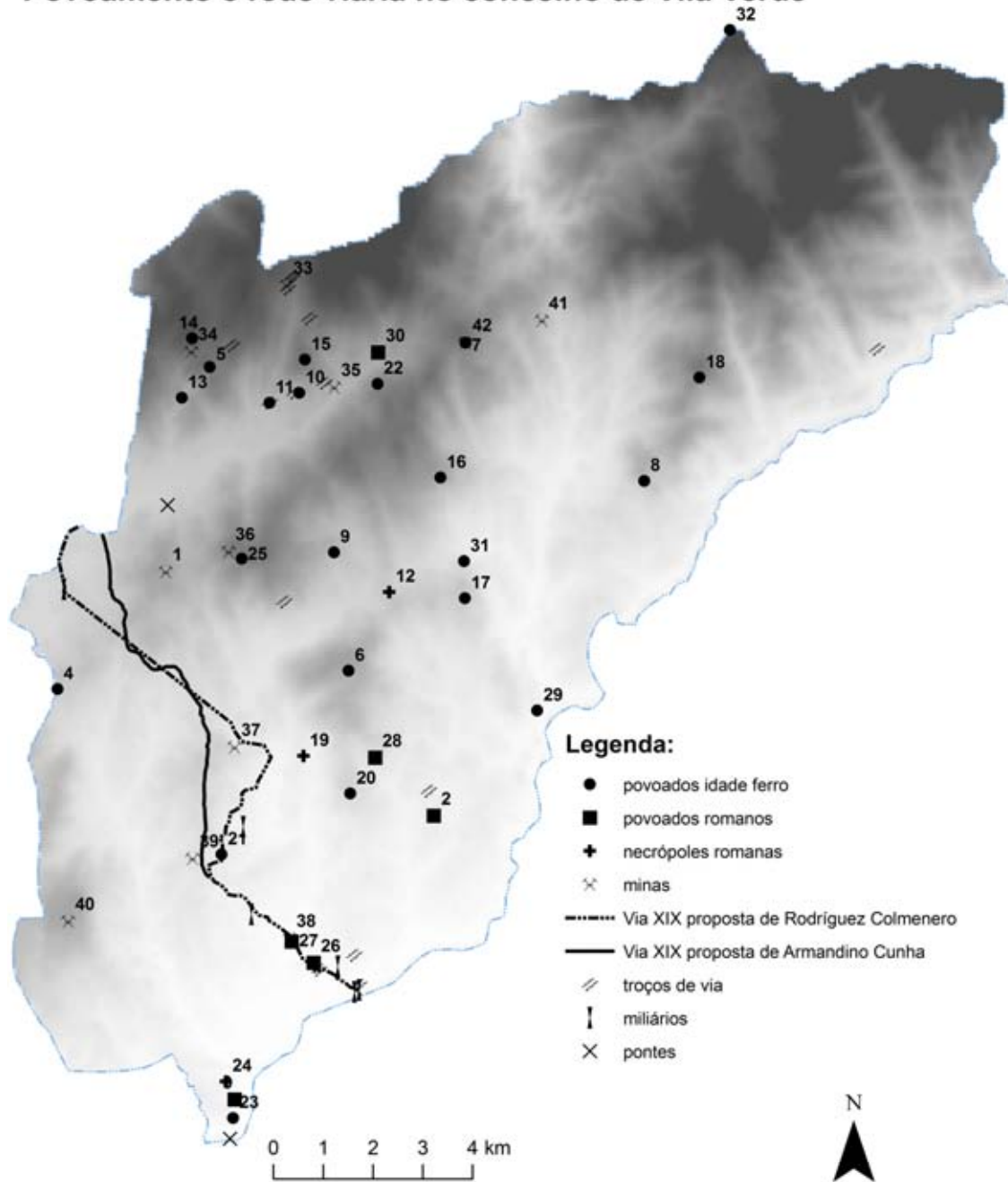
De facto, e felizmente para nós hoje em dia, é verdade. Mas também há a certeza de que os filões mais ricos nos teores que lhes interessavam, neste caso o ouro, foram explorados.

A exploração mineira de época romana encontra-se disseminada por todo o concelho, embora com maior incidência nas áreas já referidas no ponto anterior.

A inventariação efectuada teve como objectivo a articulação com o povoamento e rede viária (Fig.: 3 e Quadro: 1), pelo que ainda há muito trabalho pela frente.

Nas áreas de mineração romana procurou re-

### Povoamento e rede viária no concelho de Vila Verde



Fontes cartográficas: Shuttle Radar Topography Mission (SRTM); Atlas do Ambiente Digital (Instituto do Ambiente).

Fontes bibliográficas: A. Rodríguez Colmenero, 2004; A. Cunha, 2006; Base de dados Endovérico, IGESPAR; F. S. Lemos, 1993; H. P. Carvalho, 2008; M. Martins, 1990; T. Maciel, 1997.

Fig.: 3. Povoamento, minas e rede viária no concelho de Vila Verde.

colher-se amostras de encosto e/ou filão quartzo-so, de modo a concretizarem-se análises para identificação dos elementos químicos dominantes através do método de fluorescência de raios X (XRF). As mesmas foram levadas a cabo na Con-trastaria do Porto, utilizando-se o Spectro X-Test com uma profundidade de campo de 3 µm.

Assim apresenta-se sumariamente os trabalhos observados no terreno.

- Cova dos Mouros, Marrancos (ID 1), apresenta uma exploração de grandes dimensões, extensiva, compreendendo trabalhos a céu aberto de que constam 14 trin-

ID	Designação	Freguesia	Tipo
1	Cova dos Mouros	Marrancos	mina
2	Arca	Turiz	povoado
3	Cabanelas	Cabanelas	povoado
4	Castro de Escariz	Escariz (S. Martinho)	povoado
5	Castro de Sobradelo	Duas Igrejas	povoado
6	Castro do Barbudo	Moure	povoado
7	Castro de S. Miguel o Anjo	Oriz (S. Miguel)	povoado
8	Castro de S. Julião	Ponte	povoado
9	Coto	Dossãos	povoado
10	Cristelo	Pedregais	povoado
11	Eiras	Duas Igrejas	povoado
12	Leira da Cachada	Travassós	necrópole
13	Moega Coroas	Rio Mau	povoado
14	Monte Grou	Rio Mau	povoado
15	Monte de Sabroso	Godinhaços	povoado
16	Monte da Cheira	Mós	povoado
17	Monte de Santa Engrácia	Geme	povoado
18	Monte de S. Tomé	Oriz (S. Miguel)	povoado
19	Moure	Moure	necrópole
20	Santa Cruz	Lage	povoado
21	S. Sebastião	Atiães	povoado
22	Castelhão	Barbudo	povoado
23	Lugar de Gaião	Cabanelas	povoado
24	Veiga de Cabanelas	Cabanelas	necrópole
25	Penedos da Portela	Portela das Cabras	povoado
26	Prado	Vila de Prado	povoado
27	Lugar do Barreiro	Vila de Prado	povoado
28	Turiz	Turiz	povoado
29	Outeirinho	Vila Verde	povoado
30	Soutelino	Godinhaços	povoado
31	Castro Mau	Gondiães	povoado
32	Castelo	Aboim da Nóbrega	povoado
33	Fontainhas	Duas Igrejas	mina
34	Minas de Monte Grou	Rio Mau	mina
35	Mina de Sabroso	Godinhaços	mina
36	Minas de Penedos da Portela	Portela das Cabras	mina
37	Monte Cardal	Moure	mina
38	Minas de Stª Mª do Prado	Vila de Prado	mina
39	Minas de Oleiro	Oleiros	mina
40	Minas da Serra da Gatanha	Cervães	mina
41	Mina da Urtiga	Atiães	mina
42	S. Miguel o Anjo	Oriz (S. Miguel)	mina

Quadro 1.: Inventário do concelho de Vila Verde.

cheiras de grandes e médias dimensões, e trabalhos subterrâneos nomeadamente com galerias. Destas últimas apenas se tem um mero vislumbre, já que este local foi alvo de mineração no séc. XX, tendo destruído muitos dos vestígios existentes; exibem nuns casos secções rectangulares com tecto plano e noutros secções semi-circulares com tectos abobadados. As análises revelaram os seguintes elementos químicos: Fe, As, Au, Co, Ag, Sb, Pb, K, Cd e In.

- Fontainhas, Duas Igrejas (ID 33), sobre uma via e a ela perpendicular existem desmontes superficiais e trincheiras várias de pequenas dimensões, com uma média de largura de 5 m. Os trabalhos a céu aberto e também subterrâneos, de que apenas

subsistem o fundo de duas galerias, são selectivos, concentrando-se numa área de contacto de xistos com granitos. As análises revelaram os seguintes elementos químicos: Fe, Co, K, Au, In, Cs, Ba, Ag, Ti, Pb e Ca.

- Minas de Monte Grou, Rio Mau (ID 34), nas imediações do castro com o mesmo nome, existem desmontes superficiais num substrato granítico, profundamente alterado, com filões quartzosos. Trata-se de uma exploração a céu aberto que não se poderá sequer considerar selectiva, dado o seu carácter incipiente. As análises revelaram os seguintes elementos químicos: Fe, K, Au, Cs e Ba.
- Mina de Sabroso, Godinhaços (ID 35), localizada no sopé de um castro de igual nome com uma via romana flanqueando-o, onde foi detectado um trabalho subterrâneo de carácter selectivo, nomeadamente uma galeria trapezoidal com tecto abobadado e mais de 35 m de comprimento (Fig.: 4); a sua entrada tem 0.72 m de altura e larguras de 0.24 m no topo e 0.50 m na base. O interior tem uma altura e largura médias de 1.40 m e 0.60 m respectivamente, exibindo marcas de picos e pequenos nichos para colocação de lucernas.
- Minas de Penedos da Portela, Portela das Cabras (ID 36), no monte de um castro romanizado, foram detectados trabalhos a céu aberto, designadamente uma trincheira com 12 m de comprimento e 1.70 m de largura, e subterrâneos - uma galeria, de índole selectiva; esta última apresenta à



Fig.: 4. Galeria no sopé do Monte de Sabroso.

entrada 0.60 m de altura e 0.60 m de largura, enquanto o seu interior tem uma altura de 1.20 m e largura de 0.58 m, com vestígios das marcas de pico.

- Monte Cardal, Moure (ID 37), onde foram localizados trabalhos a céu aberto, especificadamente cortas de grandes dimensões, denotando um cunho extensivo dos labores.
- Minas de Santa Maria do Prado, Vila de Prado (ID 38), com trabalhos a céu aberto extensivos, que se podem observar em oito trincheiras ovaladas de grandes dimensões.
- Minas de Oleiros, Oleiros (ID 39), com trabalhos selectivos a céu aberto, mormente pequenas trincheiras, e subterrâneos com quatro galerias. Galeria 1 tem uma secção trapezoidal com tecto plano, 1.13 m de altura e larguras de 1.02 m no topo e 1.50 m na base, ostentando marcas de picos. Galeria 2 encontra-se articulada com a primeira através de uma trincheira, tendo uma secção trapezoidal e tecto abobadado. Em relação à galeria 3 foi impossível efectuar qualquer descrição, visto situar-se abaixo do nível de circulação e encontrar-se entulhada. Galeria 4 tem aspecto incharacterístico com 0.90 m de altura e 0.28 m de largura.
- Minas da Serra da Gatanha, Cervães (ID 40), com uma exploração extensiva a céu aberto identificando-se várias trincheiras. A área encontra-se muito descaracterizada devido às explorações de época contemporânea e à implantação de uma pedreira de grandes dimensões. As análises revelaram os seguintes elementos químicos: Fe, Co, Pb, Ir, Au, Ag e Cr.
- Mina da Urtiga, Atães (ID 41), onde se detectou um labor subterrâneo, selectivo, mormente uma galeria de secção ovalada com tecto abobadado, que em certas zonas passa a plano (Fig.: 5); as suas dimensões são de 1.75 m de altura e 0.91 m de largura. Recentemente houve um aproveitamento e canalização das suas águas, tendo-se corrompido a original traça.
- S. Miguel o Anjo, Oriz (S. Miguel) (ID 42), onde foi detectado nas imediações do castro vários desmontes superficiais. As análises revelaram os seguintes elementos químicos: Fe, Au e Ag.

Do que pode ser analisado, em termos de correlação das áreas mineiras com o povoamento, foi que este teve em consideração desde pelo menos a Idade do Ferro a exploração de um recurso económico abundante na região que é o ouro, com uma implantação estratégica que também controla as áreas mineiras, como por exemplo a nascente do rio



Fig.: 5. Galeria da Urtiga, Atães.

Neiva, que também é um importante jazigo secundário. Neste período cronológico salienta-se dois castros o de Monte Grou e o de Sobradelo também conhecido por Reduto.

O primeiro porque aparentemente não denota indícios de romanização e apresenta desmontes superficiais dos filões, o que poderá ser indicador de uma exploração pré-romana. A própria constituição geológica de grande deterioração do substrato granítico permite a fácil remoção dos filões, para além de que os testemunhos observados são muito incipientes.

O segundo porquanto foram exumados objectos diversos aquando uma construção no local. O proprietário do terreno reuniu um conjunto significativo de mós da Idade do Bronze, assim como um peculiar pico em pedra (Fig.: 6) e um vaso cerâmico de pequenas dimensões (Fig.: 7) que se encontra depositado no Grupo de Estudos Históricas do Vale do Neiva em Durrães, Barcelos, que pelas características apresentadas poderá ter servido como cadinho (Maciel, T., 1997: 77).

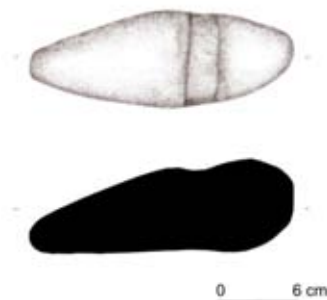


Fig.: 6. Pico em granito encontrado no Castro de Sobradelo.

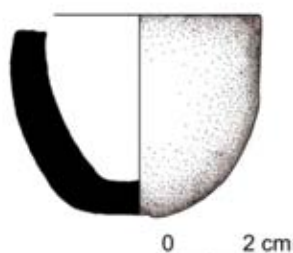


Fig.: 7. Possível cadinho encontrado no Castro de Sobradelo.

De vinte e dois povoados da Idade do Ferro, treze foram romanizados: Castro de Escariz, Barbudo, S. Miguel o Anjo, S. Julião, Coto, Moegas Coroas, Monte de Sabroso, Santa Cruz, S. Sebastião, Lugar de Gaião, Penedos da Portela, Outeirinho e possivelmente o do Monte de Stª Engrácia.

A crescente complexificação e hierarquização da sociedade, principalmente ao longo da segunda Idade do Ferro, conduz também a uma hierarquia no povoamento conduzindo à emergência de lugares centrais como seja S. Julião (Martins, M., 2009: 218).

Paralelamente surgem novos povoados, como o da Arca, Cabanelas, Lugar do Barreiro, Turiz e Soutelinho.

Cabanelas e Lugar do Barreiro poderão estar directamente articulados com a exploração mineral de ouro, mas também de argilas no segundo caso, podendo ser considerados povoados mineiros. O mesmo se sugere para Soutelinho que poderá ser um povoado mineiro de apoio à mineração na área de Godinhaços.

## 5.- Bibliografia.

- CAPELA, J. V.  
2003 **As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758.** Artes Gráficas. Braga. 250 pp.
- CARVALHO, A. D.  
1964 **Plano para o reconhecimento da “Mina de arsénio, ouro e prata da Cova dos Mouros”, na freguesia de Marrancos, concelho de Vila Verde do distrito de Braga.** Serviço de Fomento Mineiro. S. Mamede de Infesta. Relatório interno (arquivo do LNEG, S. Mamede de Infesta), 5 pp.
- CARVALHO, H. P. A.  
2008 **O povoamento romano na fachada ocidental do *Conventus Bracarensis*.** Universidade do Minho. Braga. Dissertação de Doutoramento. 477 pp.
- CUNHA, A.  
2006 **Projecto “Vias Atlânticas”. Via romana XIX.** Câmara Municipal de Vila Verde. Vila Verde. 46 pp.
- FARINHA, J. A. L. B.  
2002 **Vila verde - área de Godinhaços. Cartografia geológica de detalhe e amostragem por “roços em canal” e por “chip samples” das estruturas mineralizadas em arsénio e ouro.** Instituto Geológico e Mineiro. S. Mamede de Infesta. Relatório interno (arquivo do LNEG, S. Mamede de Infesta). 17 pp.
- INGLEZ, A. L. d’A.  
1938 **Vizitando e estudando 3 registos mineiros da Sociedade de Minas da Gatanha, Lda. e tirando amostras dos seus filões, venho expor a minha opinião sobre eles.** Lisboa. 15 pp. Relatório interno (arquivo do LNEG, S. Mamede de Infesta).
- LEMOS, F. S.  
2009 **A cultura castreja no Minho. Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste peninsular.** In **Minho traços de identidade**, pp.: 122-215. Braga: Universidade do Minho. Braga.
- LOPES, A. B.  
2003 **Proto-História e Romanização do Baixo Minho.** DCTP / Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Dissertação de Doutoramento. 254 pp.
- MACIEL, T.  
1997 **O povoamento proto-histórico do Vale do Neiva.** Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 271 pp.
- MARTINS, C. M. B.  
2008 **A exploração mineira romana e a metalurgia do**

Uma vez mais a distribuição do povoamento prende-se com a exploração mineira, agora de uma forma mais extensiva, que por uma questão logística de transporte, acesso e escoamento de produtos, necessita de uma boa rede viária.

Assim, a via XIX do Itinerário de Antonino articulada com uma rede de vias secundárias poderá servir os propósitos das grandes áreas de mineração, preferindo-se como tal o traçado defendido por A. Cunha (2006), em detrimento do de A. Rodríguez Colmenero (Rodríguez Colmenero, A., *et al.*, 2004), já que o primeiro se aproxima mais da importante área mineira de Marrancos, e o segundo parte do pressuposto de que os miliários encontrados estão na sua original localização, o que poderá não corresponder à realidade.

O povoado de Prado terá uma relevância maior em relação aos restantes, sendo que poderá ser um *vicus* ligado à rede viária (Carvalho, H.P.A., 2008; esta autora coloca também a hipótese de *mansio*) e à exploração mineira.

S. Julião e o Castro do Barbudo poderão ter tido uma função de receptores da matéria-prima e redistribuidores de metal, tendo em conta os indícios metalúrgicos existentes (Martins, M., 1990).

## 4.- Considerações finais.

Este trabalho pretende de algum modo contribuir para um melhor entendimento do vasto território do concelho de Vila Verde.

A articulação da exploração mineira aurífera com a distribuição do povoamento e rede viária relança novas hipóteses de classificação dos povoados, permitindo também uma melhor compreensão do traçado da via XIX do Itinerário de Antonino.

- ouro em Portugal.** Cadernos de Arqueologia, Monografia, 14. Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Braga. 160 pp.
- MARTINS, M.  
1990 **O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado.** Cadernos de Arqueologia, Monografias, 5. Univ. do Minho. Braga. 284 pp.
- 2009 A romanização. In **Minho traços de identidade.** Universidade do Minho. Braga, pp.: 216-271.
- MARTINS, M.; LEMOS, F.; PÉREZ LOSADA, F.  
2005 O povoamento romano no território dos galaicos bracarense. **Fernández Ochoa, C., García Díaz, P. (Ed.): Unidad y diversidad en el Arco Atlántico en época romana,** pp. 279-296. BAR International Series 1371. Gijón.
- MEDEIROS, A. C.; TEIXEIRA, C.; LOPES, J. T.  
1975 **Carta Geológica de Portugal na escala de 1/ 50 000. Notícia explicativa da folha 5B.** Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, 61 pp.
- NOGUEIRA, P.; NORONHA, F.  
1995 Paleocirculação de fluidos deduzida de inclusões fluidas (PIF). Aplicação ao sistema hidrotermal aurífero da região de Grovelas - Godinhaços (Norte de Portugal). **Borges, F.S.; Marques, MM.: IV Congresso Nacional de Geologia. Resumos alargados,** pp. 581-585. Faculdade de Ciências e Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico. Porto.
- PEREIRA, E. (coord.)  
1992 **Carta geológica de Portugal à escala 1/ 200 000. Notícia explicativa da folha 1.** Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, 83 pp.
- REIS, A. P.; MARTINS, L.; VIEGAS, L.; FONSECA, E. C.  
1993/94 Importância dum ensaio de orientação na prospeção geoquímica do ouro, utilizando os solos como meio amostral. **Geociências,** 8, 1/2, pp.: 17-30. Aveiro.
- 1997 Estudo da transposição superficial da assinatura geoquímica parental na mineralização aurífera de Marrancos (Vila Verde - Ponte da Barca). **Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro,** 83, pp.: 53-64.
- 1998 Contribuição da análise em componentes principais para a identificação das assinaturas geoquímicas de profundidade e superficial no depósito aurífero de Marrancos (Vila Verde - Ponte da Barca). **Geociências,** 12, 1/2, pp.: 1-16. Aveiro.
- REIS, A. P.; SILVA, E. F. da; MARTINS, L.; VIEGAS, L.; FONSECA, E. C.  
1995 Ensaio geoquímico de orientação na zona aurífera de Godinhaços utilizando os solos como meio amostral: estudo comparativo entre duas zonas inseridas na faixa metalífera Vila Verde - Ponte da Barca. **Geociências,** 9, 1/2, pp.: 143-157. Aveiro.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, A.; FERRER SIERRA, S.; ÁLVAREZ ASOREY, R. D.  
2004 **Miliarios e outras inscrições viárias romanas do Noroeste Hispânico.** Consello da Cultura Galega. Lugo. 843 pp.
- TEIXEIRA, C.  
1972 **Carta Geológica de Portugal na escala 1/ 50 000. Notícia explicativa da folha 5A.** Serviços Geológicos de Portugal. 43 pp.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. C.  
1969 **Carta Geológica de Portugal na escala 1/ 50 000. Notícia explicativa da folha 5C.** Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa, 49 pp.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A. C.; LIMA, J.  
1973 **Carta Geológica de Portugal na escala 1/ 50 000. Folha 5D - Braga.** Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- TRANOY, A.  
1981 **La Galice Romaine.** Diffusion de Boccard. Paris. 602 pp.
- VIEGAS, L. F. S.; ANDRADE, R. S.; RODRIGUES, L. V.; MARTINS, L. P.  
1991 **Projecto de prospeção de metais nobres (ouro e prata) faixa Vila Verde / Ponte da Barca. Relatório final.** Serviço de Fomento Mineiro. S. Mamede de Infesta. Relatório interno (arquivo do LNEG, S. Mamede de Infesta). 70 pp.
- VIEGAS, L. F.; MARTINS, L. P.  
1992 Notas sobre a prospeção do ouro em Portugal. **Estudos, Notas e Trabalhos,** 34, pp.: 95-106. S. Mamede de Infesta.

## 6.- Notas.

- 1 Carla Maria Braz Martins, bolsista de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); colaboradora externa da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP).



**MUSEO**

de Prehistoria e Arqueoloxía  
de Vilalba

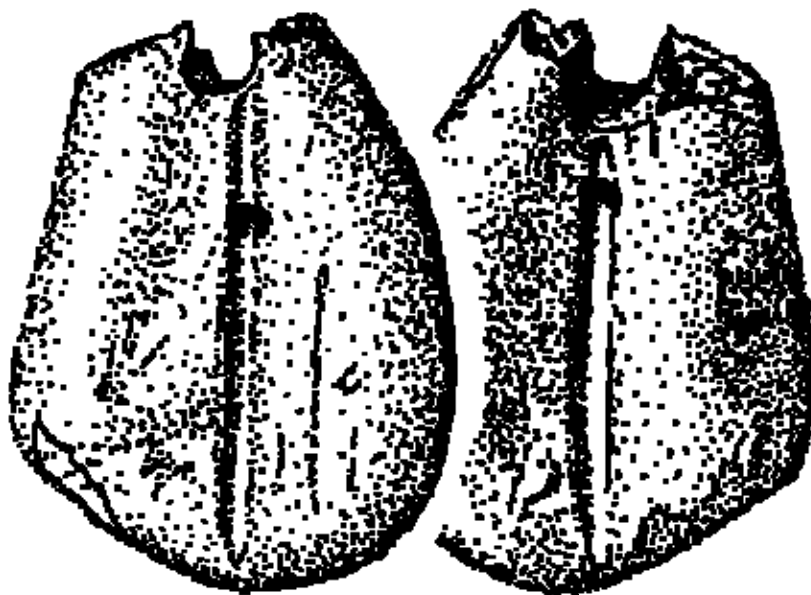
Férvedes  
ISSN: 1134-6787  
Nº 7, 2011  
Vilalba (Lugo)

# *Férvedes*

## *Revista de Investigación*

---

*Nº 7*



*2011*

E. RAMIL REGO & C. FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ (Ed.):  
*2 CONGRESO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOXÍA DE VILALBA*